

# **educação e emergência climática: quando o futuro é agora**

**climate emergency:  
when the future is now**

*Edson Grandisoli*

Diretor Educacional da Reconecta  
Cocriador e Diretor do Movimento Escolas pelo Clima  
São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1524-9074>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17443036>

**Resumo:** O texto reflete sobre os caminhos possíveis para enfrentar a emergência climática, partindo da constatação de uma consciência coletiva crescente acerca dos impactos das ações humanas sobre o planeta. O autor propõe cinco categorias de enfrentamento — tecnológica, econômica, política, social e educativa —, ressaltando que nenhuma delas é suficiente isoladamente. Defende-se que a educação e a cultura ocupam papel central por permitirem a análise crítica e a integração entre as demais dimensões, favorecendo escolhas mais conscientes e sistêmicas. O texto também introduz os conceitos de *regeneração* e *pós-sustentabilidade*, inspirados em autores como Reed (2007), Sconfienza (2019) e Takkinen (2025), que questionam a suficiência do paradigma da sustentabilidade tradicional e propõem uma transição para sociedades que não apenas reduzam danos, mas regenerem ecossistemas e relações sociais. Nesse contexto, a educação é apontada como eixo estruturante de uma transformação profunda de valores, propósitos e da própria compreensão do papel humano no planeta — rumo a uma visão mais integrada, cooperativa e resiliente da vida na Terra.

**Palavras-chave:** (1) Emergência climática; (2) Educação regenerativa; (3) Pós-sustentabilidade; (4) Consciência sistêmica; (5) Transformação cultural.

**Abstract:** The text reflects on possible pathways to address the climate emergency, starting from the acknowledgment of a growing collective awareness about the impacts of human actions on the planet. The author proposes five categories of response — technological, economic, political, social, and educational — emphasizing that none of them is sufficient in isolation. Education and culture are highlighted as central dimensions, as they enable critical analysis and integration among the others, fostering more conscious and systemic choices. The text also introduces the concepts of *regeneration* and *post-sustainability*, inspired by authors such as Reed (2007), Sconfienza (2019), and Takkinen (2025),

who question the adequacy of the traditional sustainability paradigm and advocate for a transition toward societies that not only reduce harm but also regenerate ecosystems and social relations. In this context, education is presented as the core driver of a deep transformation in values, purposes, and the very understanding of the human role on the planet — leading toward a more integrated, cooperative, and resilient vision of life on Earth.

**Keywords:** (1) Climate emergency; (2) Regenerative education; (3) Post-sustainability; (4) Systemic awareness; (5) Cultural transformation.

## **Introdução**

Nos últimos anos, tenho tido o privilégio de poder compartilhar minhas ideias e olhares sobre diferentes temáticas socioambientais para diferentes públicos. Em geral, estudantes e educadores, mas também pessoas que atuam em ONGs, governos locais e empresas. E, independentemente do público, todos respondem da mesma forma à questão:

— *Temos tratado bem o nosso planeta?*

A unanimidade na negação indica que realmente - ou aparentemente - criamos uma consciência coletiva sobre as consequências de nossas escolhas históricas. Isso é negativo pelo fato em si, mas positivo no sentido de que parece que entendemos melhor nossas responsabilidades.

Outro ponto de unanimidade diz respeito aos múltiplos indicadores de saúde planetária:

- Pegada ecológica;
- Pegada de carbono;
- Pegada hídrica;
- Pegada material;
- Dia da sobrecarga da Terra, e
- Limites planetários (*planetary boundaries*), do Centro de Resiliência de Estocolmo.

Todos estes, e outros, apontam para a mesma realidade: a de que os impactos negativos das atividades humanas só aumentam e de forma acelerada.

Por fim, frente a esse quadro, todos também concordam que devemos agir imediatamente para evitar e interromper a multiplicidade de impactos negativos sobre os ambientes e outras formas de vida. Só que sobre isso, é difícil obter unanimidade sobre que caminhos seguir, uma vez que fazer escolhas significa fazer concessões.

## **Caminhos para enfrentar a emergência climática**

De forma geral, acredito que podemos dividir os caminhos de enfrentamento da emergência climática em **cinco categorias**.

### **Tecnologias**

Algumas tecnologias podem gerar impactos rápidos e em grande escala, mas a crença de que “a tecnologia salvará o planeta” pode concentrar poder em corporações e especialistas, enfraquecendo

processos democráticos e o protagonismo social e educativo nas decisões sobre o futuro. Tecnologias permitem que diferentes grupos, em especial os mais privilegiados e tomadores de decisão, em uma posição de imobilismo acrítico, apoiados no desejo e na necessidade de manter o *status quo* atual.

### **Economia e finanças**

Fundos climáticos, moedas sociais e incentivos para modelos e ações regenerativas são caminhos muito importantes, mas que batem de frente com o modelo baseado na exploração irracional dos recursos planetários e das pessoas, já sabidamente insustentável há muitas décadas. Substituir a crença de um crescimento ilimitado por um de prosperidade compartilhada parece um desafio fundamental a ser trabalhado nas próximas décadas.

### **Política e institucional**

Incluir comunidades tradicionais, povos originários e juventudes nos processos de decisão política busca colocar na equação múltiplas situações de vulnerabilidades e injustiças. A participação fortalece a capacidade cidadã de exigir políticas públicas coerentes com os limites planetários e que considerem características dos diferentes territórios. Isso forma um ciclo virtuoso de participação-empoderamento-ação coletiva.

### **Sociais e comunitárias**

Colocar ações colaborativas e solidárias acima da competição e reserva de mercado. Fortalecer redes locais de produção e consumo baseadas em cooperação, justiça e equidade, em conjunto com a conservação ambiental e valorização de múltiplos saberes colabora na criação de práticas regenerativas.

### **Educação e cultura**

Esta é a cereja do bolo. Promover reconexão com o ambiente e se entender como parte dele, ampliar a visão crítica para atores e processos, bem como ajudar na construção de uma visão mais crítica e complexa dos desafios socioambientais, permitirá que “saíamos do automático” e passemos a fazer melhores escolhas pessoais e coletivas. Nesse processo, o foco no bem-viver é apenas o início de um processo de transformação de valores e propósitos de vida.

É claro que é sempre importante afirmar que nenhum desses caminhos dá conta do recado sozinho. Entretanto, a educação e a cultura têm justamente o papel de analisar criticamente cada um deles, além de estabelecer diálogos entre eles. Isso permite identificar as interconexões

entre as ações, de onde emergem vantagens, desvantagens e novas oportunidades. Essa é uma das características dos sistemas complexos: a emergência de novas propriedades que só se manifestam nas interações.

## **Regeneração e pós-sustentabilidade**

Tenho, cada vez mais, cruzado na literatura com conceitos que tratam de **regeneração e pós-sustentabilidade**. É interessante acompanhar essas evoluções conceituais e como elas dialogam com a urgência de buscar estratégias que não se contentam, simplesmente, em fazer menos mal. Reciclagem, carbono zero (*net zero*), créditos de carbono, por exemplo, dizem respeito, segundo alguns autores como Reed (2007) e Takkinen (2025), a um ponto da nossa história que temos tratado como “sustentabilidade”, no qual há um equilíbrio dinâmico entre perdas e ganhos, impactos negativos e positivos. E é justamente nessa direção que temos investido esforços nas últimas décadas. Na direção de sociedades sustentáveis.

A visão de uma pós-sustentabilidade traz à tona uma realidade que dói concordar: a incompletude e insuficiência dos nossos compromissos com nós mesmos e com outras formas de vida nesse momento da história. Claro, todas as ações que visam reduzir ou zerar impactos negativos são bem-vindas, mas claramente elas não estão sendo capazes de reverter o quadro de degradação socioambiental.

Como resposta, a pós-sustentabilidade estabelece como princípios-chave para as próximas décadas a **cooperação e a resiliência**, muito além das tecnologias, das soluções verdes e da mudança de comportamentos dos consumidores, trazendo a consciência de que as três dimensões do desenvolvimento sustentável (economia-sociedades-ambiente) não podem ser alcançadas simultaneamente (SCONFIENZA 2019).

## **E para concluir: o papel da Educação**

Nesse cenário, a **Educação** assume uma vez mais um papel central, pois ela precisa nos guiar para além do antropocentrismo e da visão tecnomecanicista do mundo, recriando laços com o ambiente e ressignificando o papel do ser humano enquanto espécie, a partir de uma visão muito mais ampla, mais diversa e mais integrada de sustentabilidade do que a que temos cultivado hoje. Ou seja, as sociedades pós-sustentáveis e regenerativas do presente e do futuro dependem de mudanças profundas em todas as esferas e, em especial, de uma nova compreensão do que é ser humano e qual é seu papel no planeta.

De muitas formas distintas, essa visão, que parece ainda muito teórica e abstrata, se concretiza nos artigos que compõem esse dossiê sobre Educação Ambiental Climática, uma vez que dialogam com a necessidade de

ações PARA a natureza e PARA as pessoas, recriando laços de confiança e amor pelo que é comum e caro a todas e todos.

## **Referências**

REED, B. (2007). “Shifting from ‘sustainability’ to regeneration”. *Building Research & Information*, 35(6), 674-680.

DOI: <https://doi.org/10.1080/09613210701475753>

SCONFIENZA, U.M. (2019). “The post-sustainability trilemma”. *Journal of Environmental Policy and Planning*, 21(6):769-784.

DOI: <https://doi.org/10.1080/1523908X.2019.1673156>

TAKKINEN, P. (2025). “Post-sustainability: A hermeneutic literature review”. *The Anthropocene Review*.

DOI: <https://doi.org/10.1177/20530196251339474>

## **Sobre o autor**

**Edson Grandisoli** é bacharel e licenciado em Ciências Biológicas (1994); mestre em Ecologia de Ecossistemas Terrestres e Aquáticos (1997) pela USP, e doutor em Educação para o Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Ciência Ambiental da USP (2018). Possui pós-doutorado pelo Programa Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados da USP. É assessor da UNESCO para o Currículo Paulista, pesquisador associado da Escola de Comunicação e Artes da USP na área de educomunicação climática e Diretor Educacional da Reconnecta, além de ser um dos criadores do Movimento Escolas pelo Clima. Atua como formador de professores das redes pública e particular de ensino e como Editor Executivo da revista *Ambiente & Sociedade*.